“Façamos”: Elohim e os elementos como interlocutores na criação humana (Gênesis 1:26)

Autor: Zakay BenNoach

Resumo. Este artigo defende e sistematiza a tese de que o plural divino em *Gênesis 1:26* (“façamos”, “à nossa imagem”) pode ser plausivelmente lido — dentro de um quadro de monoteísmo absoluto — como **Elohim falando à matéria/elementos já criados (p. ex. a terra)**, convidando-os a participar como *meio* material da formação do corpo humano. Defende-se que tal leitura: (a) conserva a unicidade ontológica de Elohim; (b) é coerente com a linguagem e o padrão narrativo do Gênesis e com Gênesis 2:7; (c) tem precedentes explícitos na tradição exegética judaica medieval; e (d) é tratada como possibilidade séria por estudiosos modernos da exegese do Gênesis. A argumentação combina análise linguística, exame do contexto literário e revisão da tradição interpretativa.

---

1. Introdução: formulação do problema

Gênesis 1:26 registra a fala divina: “E disse Elohim: **Façamos** o homem à nossa imagem, conforme a **nossa** semelhança...” A forma plural produz um problema hermenêutico: ela exige explicação que seja fiel ao pano de fundo monoteísta do texto hebraico. Entre as leituras clássicas — plural de majestade, conselho divino (anjos), plural deliberativo, antecipação trinitária — existe uma opção menos divulgada na literatura profana: **Elohim dirigindo-se à criação material (os elementos, a terra) como interlocutora/instrumento**, convocando-a a “colaborar” sob o comando divino. Neste artigo defendo essa leitura como exegese séria e historicamente atestada, e analiso seus fundamentos textuais e patrísticos/medievais e sua plausibilidade perante estudos modernos.

Tese: em Gênesis 1:26 o plural pode indicar que Elohim, como agente criador único, fala à matéria/elementos já criados (p. ex. a terra) que servirão de meio para formar o corpo humano — sem comprometer o monoteísmo absoluto, pois o agente causal permanece exclusivamente o Eterno. (Declaração apoiada por testemunhos da tradição judaica medieval e considerada como possibilidade por estudiosos modernos.).

---

2. Metodologia

O estudo procede por: (a) leitura contextual do texto (Gênesis 1:1–2:7); (b) análise morfossintática do plural hebraico em *na'aśeh* (נַעֲשֶׂה) e dos pronomes possessivos; (c) comparação com o padrão narrativo — especialmente com as fórmulas "a terra produziu/fez" em Gn 1; (d) exame intertextual com Gênesis 2:7 (formação do homem do pó/terra); (e) levantamento da tradição interpretativa (Midrashim, comentaristas medievais: Kimhi, Ramban, etc.); e (f) confrontação com estudos contemporâneos (Hasel, Kidner, Walton, entre outros). Onde a bibliografia moderna trata da possibilidade de Elohim dirigir-se à matéria/elementos, isso é trazido como sustentação hermenêutica. (digitalcommons.andrews.edu)

---

3. O contexto narrativo e a lógica criada/mediada

1. **Padrão criacional de Gênesis 1.** Em vários momentos do relato a ordem divina é seguida por um "responder" da criação: p. ex., "Produza a terra erva verde..." (1:11) e "Produzam as águas répteis…" (1:20). A linguagem sugere que elementos (terra, águas) atuam como *meios* por meio dos quais a vontade criadora é realizada. Isso estabelece um esquema em que Elohim comanda e a matéria executa segundo o poder conferido por Elohim. (Compare Gn 1:11, 1:24).

2. **Gênesis 2:7 — dupla fonte do homem.** O relato do capítulo 2 explicita que o corpo humano é formado "do pó da terra" enquanto o fôlego vem de Elohim: "Formou o Senhor Elohim o homem do pó da terra, e soprou em suas narinas o fôlego de vida..." (Gn 2:7). Esse duplo procedimento — **matéria terrestre + fôlego divino** — casa perfeitamente com uma leitura em que o "façamos" expressa a cooperação funcional: Elohim (autor causal) convocando a terra (meio material) para formar o corpo. Assim, a gramática plural pode refletir a conjunção de agente transcendente e instrumento imanente no ato criador.

---

4. Evidência linguística e semântica

1. O verbo hebraico נַעֲשֶׂה (*na'aśeh*, "façamos") está no plural imperativo/subjuntivo deliberativo; o plural pode expressar várias funções (plural majestático, deliberativo, conexão com o substantivo plural *Elohim*, discurso à assembleia celestial, ou — como aqui defendido — discurso que envolve os elementos). A hipótese de que o plural represente **endereçado à matéria** é gramaticalmente possível, porque o plural pode ser usado para envolver mais de um participante no enunciado — inclusive um agente transcendente e um instrumento/participante material secundário. (Discussões técnicas sobre as possibilidades do plural aparecem na literatura exegética clássica e moderna; ver Hasel e Wenham para panorama de hipóteses). (digitalcommons.andrews.edu)

2. Importante: o versículo subsequente retoma o singular — “E **criou Elohim** o homem à sua imagem...” (Gn 1:27) — o que confirma que **o ato criador é atribuído a Elohim como agente singular**; isto é consistente com a leitura que vê a criação como agente-único que opera através de meios já existentes.

---

5. Tradição exegética judaica e medieval: precedentes explícitos

A leitura “Elohim e os elementos” tem precedentes explícitos na tradição judaica medieval:

- **Joseph e David Kimhi (medieval):** afirmaram que o plural se dirige simultaneamente aos *elementos básicos* (terra, água, ar, fogo), entendendo que Elohim havia dotado esses elementos de qualidades pelas quais eles produziam seres; ao chegar ao homem, Elohim diz “façamos” à terra (elementos) para que ela traga o corpo enquanto Elohim concede a alma. Essa posição é relatada e discutida em estudos sobre a história da exegese judaica.

- **Ramban (Nachmanides):** em seu comentário sobre Gênesis observa leituras que explicam “façamos” como “eu e a terra” — isto é, ele registra tradições que consideram a terra como participante material na formação do corpo humano.

- **Midrash e tradição rabínica:** há formulações (p. ex. em Genesis Rabbah) que falam de Elohim “consultando” as obras do céu e da terra ou “fazendo com” a criação, o que aponta para uma sensibilidade interpretativa antiga que vê interação (comandada) entre Elohim e os elementos.

Esses testemunhos tornam a leitura historicamente legítima e demonstram que ela não é uma invenção moderna, mas parte do leque interpretativo tradicional judaico-hebraico.

---

6. Relação com leituras modernas

Estudiosos contemporâneos tratam a questão do plural de maneiras variadas — plural majestático, conselho divino (assembleia celestial), plural de deliberação, entre outras. Alguns pesquisadores modernos (por exemplo, Gerhard F. Hasel) sistematizaram as hipóteses e reconhecem que, entre as possibilidades, há a leitura em que o plural se dirige a “seres celestiais ou mesmo à terra/elementos” — isto é, Hasel aponta a pluralidade de possíveis sentidos e não exclui a referência à criação como interlocutora funcional. (digitalcommons.andrews.edu)

John Walton, embora mais conhecido por enfatizar o caráter funcional/templo-cosmológico de Gênesis 1, destaca que o relato bíblico opera em categorias distintas das modernas — e

chama a atenção para o modo como Elohim institui funções e papéis em uma realidade já orientada — o que prima facie torna plausível uma leitura em que o ato criador envolve ordenação e utilização de meios criados. Isso é compatível, metodologicamente, com a proposta de que Elohim convoque a matéria a ser instrumento da criação humana.

---

7. Defesa teológica: por que a leitura preserva o monoteísmo absoluto

A leitura "Elohim falando à terra/elementos" preserva o monoteísmo absoluto por estas razões:

1. **Agência causal única.** O texto posterior (Gn 1:27) atribui a criação a Elohim no singular; a terra não é co-criadora ontológica, mas **meio** material subordinado à vontade causal divina.

2. **Cooperação funcional, não ontológica.** A matéria participa como elemento passivo/operativo; ela não detém autonomia criadora. O plural, então, descreve **participação funcional** (Elohim + meio), não uma pluralidade de divindades ou pessoas divinas.

3. **Coerência patrística/mediaval.** A leitura tem pedigree exegético (Kimhi, Ramban, Midrash) e, portanto, é compatível com diretrizes teológicas do judaísmo monoteísta.

---

8. Implicações antropológicas e simbólicas

Ler o "façamos" como convocação à matéria ajuda a explicar por que o ser humano é descrito como composto: **corpo (terra) + sopro/vida (Elohim)**. A ideia de imagem de Elohim, nesse quadro, refere-se sobretudo à dimensão espiritual-racional ("sopro"), enquanto o corpo é formado dos elementos — o que preserva a transcendência divina no que tange à origem da vida e da imagem, mas reconhece a participação da criação na concretização corpórea da humanidade. A tradição medieval já elaborou essa distinção e a relacionou com a noção de "ponte" entre o mundo espiritual e o mundo material.

---

9. Contra-argumentos e respostas

Argumento 1 (plural como "conselho celestial"): muitos intérpretes preferem que Elohim dirija-se à assembleia celestial (anjos).
Resposta: a leitura "terra/elementos" não exclui que a linguagem evocasse solenidade ou que a assembleia celestial estivesse presente; trata-se de uma alternativa hermenêutica

igualmente plausível e bem atestada na tradição judaica (Kimhi, Midrash) e admitida como possibilidade na crítica moderna (Hasel). O critério de escolha hermenêutica deve ser a coerência com o texto (p. ex. Gn 2:7) e com a teologia monoteísta, critérios estes que favorecem a leitura aqui defendida.

Argumento 2 (trinitarismo retrojetado): alguns argumentam que somente uma leitura trinitária explica o plural.
Resposta: uma leitura trinitária anacronicamente impõe uma categoria dogmática pós-bíblica ao texto hebraico; o Antigo Testamento não apresenta uma doutrina trinitária explícita e os intérpretes judaicos originais não o leram assim. A leitura de cooperação com os elementos preserva tanto a monoteia como a historicidade exegética.

---

10. Conclusão

A leitura de Gênesis 1:26 segundo a qual o Eterno se dirige **à matéria/elementos já criados (p. ex. a terra)** — convidando-a a servir de meio para a formação do corpo humano — é: (a) textualmente plausível; (b) coerente com Gn 2:7; (c) historicamente documentada na tradição judaica medieval (Joseph/David Kimhi, Ramban, Midrash); e (d) reconhecida como possibilidade por estudos exegéticos modernos que mapeiam as alternativas para o plural de 1:26 (Hasel, comentários de escola como Kidner, apresentações críticas de Wenham, etc.). Portanto, é uma tese exegética séria que preserva o monoteísmo absoluto ao explicar o plural como **cooperação funcional** (Elohim agente único + matéria como instrumento), e não como pluralidade ontológica dentro da divindade.

Bibliografia (selecionada)

- Oseka, M. *History of the Jewish Interpretation of Genesis 1:26, 3:5, 3:22 in the Middle Ages.* (artigo com síntese das posições medievais; discute Kimhi, Rashbam, Midrash).

- Hasel, G. F., "The Meaning of 'Let Us' in Gn 1:26." *Andrews University Seminary Studies* 13 (1975). (levantamento e análise das hipóteses; inclui observação sobre possibilidade de endereço à terra/elementos). (digitalcommons.andrews.edu)

- Ramban (Nachmanides), comentário a Gênesis 1:26 (nota sobre leitura "Eu e a terra" nas tradições). (Sefaria)

- Kidner, Derek. *Genesis* — Tyndale Old Testament Commentary (comentário breve que discute o plural e o contraste entre "façamos" e "a terra produziu"). (bestcommentaries.com)

- Walton, John H. *Genesis 1 as Ancient Cosmology* (oferece enquadramento funcional/antropológico do relato; útil para entender uso de meios funcionais na

narrativa).

